

## RETRATOS DO FIM DA LINHA

Rio de Janeiro, Maio - Julho 2013

Chegando se defronta com a inumanidade do ambiente. Um local que era próprio da produção química industrial, onde se forjavam utensílios plásticos da vida moderna. Onde o chão é composto de uma espessa camada de óleo queimado, constituindo superfície o mais distante possível do conforto humano. O escuro das ruínas era dominado por hordas de ratos destemidos. Foi necessária muita coragem e suor e mais suor, e muita concentração e muita fé para transformar o cenário.

São os problemas de saúde, o desemprego, desavenças que carregam as pessoas solidariamente para estes prédios. O dilema central é entre o horror de habitar o inóspito, a destruição, e o pavor quanto às consequências e indignidade de morar na rua. Chegar ao ponto de ter apenas estas duas opções, e tendo uma família, é, paradoxalmente, o que faz decolar o ímpeto necessário pra ficar na fábrica e evitar a rua. E claro, não nos esqueçamos das “relações sociais” que forçaram a deslocação, os alugueis atrasados, as brigas e ameaças.

Uma vez instalados na fábrica outras relações seguem a pressionar a honra, aquelas que apontam o dedo a lembrar do rebaixamento social que a condição de invasor representa. As pessoas passam uma vida nesta situação, acostumam-se para não sofrer demais. É o salário que não chega perto de cobrir as despesas, não há cobertura. É viver no habitat por excelência dos mosquitos, onde os animais urbanos se proliferam. Mas a transformação progressiva do espaço, as adaptações criativas da estrutura, constroem uma sensação de pertencimento suficiente para se equilibrar e descansar um pouco. Mesmo assim nunca se chega ao conforto mínimo, em pouco tempo os esgotos improvisados estão todos entupidos, as chuvas sempre colocando tudo em risco, o lixo se acumulando. O emprego que cisma não aparecer, os amigos de outrora sumindo, que já não te valorizam como antes. Você segue, mas não se esquece das dívidas..., pagá-las é imperativo. O sentimento é também de risco de vida quando se invade uma fábrica – polícia, capangas, perigosíssimos empresários enfurecidos, fogo, despejo, colapso. Chega-se com pouco, monta-se o teto com restos. Enfrentam-se muitos demônios e monstros, materiais e imateriais. Muita fé pra afastar tanto rato...

Após a Segunda Guerra Mundial, o Brasil passou por um dos mais importantes processos de industrialização do século 20. Transformou-se de país eminentemente rural em potência regional industrializada. Nas décadas de 1980 e 1990, diversas crises econômicas, mecanização, competição internacional e violência urbana afetaram o cerne do setor em algumas regiões do país, repercutindo na dinâmica social como um todo. Um dos resultados dessa decadência, além do desemprego em massa, foi a criação de desertos industriais. Grandes regiões urbanas perderam seu significado produtivo original e foram basicamente esquecidas. Entre esta ruína, novos usos foram dados a áreas abandonadas, terrenos e fábricas. O mais comum é a habitação. Essas fábricas são reinventadas como uma espécie de condomínios precários, onde muitas famílias em busca de moradia permanecem apesar da falta de um padrão mínimo de vida; essas são as pessoas que crescem à sombra de linhas de produção fechadas. Este trabalho pretende registrar algumas dessas histórias brasileiras, criadas no antigo Distrito Industrial do Jacaré, no Rio de Janeiro. um dos assentamentos informais mais antigos da cidade que servia como reserva de força de trabalho para as indústrias ao redor.

# Antiga Fabricas

## PORTELINHA

Portelinha é uma invasão com 90 famílias. Elas ocupam dois prédios e o espaço interno de uma antiga fábrica de escovas de dentes. Esta população tem a promessa de reassentamento feita recentemente pelo Governo do Estado.

## ANTIGA COMPANYY

A Antiga Company é uma invasão que reúne cerca de 50 famílias. O prédio, em estilo industrial da década de 1960, era originalmente uma fábrica de roupas jovens, surfwear, focada num público de classe média, chamada Company. São dois pavimentos, o primeiro, pouco iluminado, é ventilado apenas para as moradias coladas ao muro externo. O segundo pavimento, acessado por íngreme escada, é, na verdade, o telhado da antiga fábrica, que se tornou espaço de moradia.

## CARANDIRU

Invasão ocorreu há 8 anos. Ali funcionava uma fábrica de toalhas, roupas de banho, roupas de bebê. O antigo prédio e galpão foram transformados em residências. São 180 famílias que vivem na fábrica. Esta população tem a promessa de reassentamento pelo Governo do Estado.

## DIRENE

A antiga fábrica de utensílios de plástico é uma das ocupadas há mais tempo na região, são quase 15 anos. Além da fábrica de plásticos, outros galpões e prédios menores e próximos foram incorporados, formando um pequeno complexo de ocupações. Ao todo, segundo cadastramento recente, são 190 famílias que residem neste espaço variado. Uma característica importante desta área é a proximidade com o assentamento principal do Jacarezinho, localizada numa das ruas industriais que limitam a favela. Todas as famílias tem a promessa de breve reassentamento feita pelo Governo do Estado...

## INABU

Esta invasão ocupa um prédio de 4 andares de um antigo abatedouro industrial de aves. São cerca de 130 famílias distribuídas entre as áreas internas e externas. Estas famílias vivem hoje a promessa de reassentamento pelo governo.

## ADONIS

Adonis é uma antiga fábrica de roupas masculinas. Sofreu um incêndio há 20 anos e foi abandonada, sendo logo em seguida invadida. As cerca de 50 famílias do local têm promessa de reassentamento feita pelo Governo do Estado.

Gostaríamos de agradecer a generosidade da população de Jacaré que concordou em fazer parte deste projeto. O que tínhamos em mente durante a concepção do projeto era gerar interesse público para as questões sociais por trás dele e para a luta de vida desses personagens incríveis retratados.

**PORTELINHA**

João é um homem que vive cercado de crianças. Em seu pequeno quarto improvisado no antigo galpão da fábrica de escovas de dente, vive só com 4 netos, sendo o mais velho deles de 8 anos de idade. Não tem mulher e seu filho, pai dos 4 meninos, está preso há 7 anos. A mãe das crianças abandonou os filhos. João sustenta a todos com bicos que faz como pedreiro, mas já trabalhou em diversas indústrias da região, inclusive em uma importante fábrica de parafusos, quando esta existia. Nasceu em Minas Gerais, chegou ao Rio em 1961.

João tem longa história de organização de invasão/ocupação de antigas fábricas e terrenos desocupados no Bairro do Jacaré. Foi presidente da Associação dos Moradores do Chupa Cabra, um aglomerado de casas que abrigava cerca de 100 famílias e ficava em perigoso terreno, no cruzamento de dois ramais ferroviários, entre trilhos. As pessoas foram retiradas do local pelas autoridades e João mudou-se para outra ocupação – uma imensa planta industrial abandonada de beneficiamento de leite, que depois de ocupada concentrava mais de 1.500 famílias. A fábrica foi implodida e aos moradores foram prometidas casas, mas João diz que nada ganhou, prosseguindo para ocupar outro prédio industrial abandonado. Este é o lugar onde vive há cinco anos, a Portelinha, e que em breve será implodido pelo Governo. Todos os moradores, as 70 famílias que ali vivem, têm a promessa de serem reassentados, beneficiados com uma unidade num prédio de apartamentos a ser construído na região.

João é uma liderança local e faz um discurso de reivindicação, com duras críticas aos serviços públicos, à saúde, à falta de espaços de lazer para seus netos. Comenta que “o povo” não quer sair da Portelinha para ir para um lugar distante, apesar da absoluta precariedade da invasão. “As pessoas querem empregos na área onde vivem”. João sonha com o retorno dos empregos no antigo Distrito Industrial do Jacaré. Esta região viveu um período de ouro com centenas de indústrias, como metalúrgicas e confecções de roupas. Hoje resta apenas uma sombra do que já foi. João tem esperança de um dia abrir a porta e não se deparar com esgoto. “Quem mora em invasão quer moradia”.

Cida mora há 4 anos na Portelinha. Sua casa é um barraco de madeira na área aberta da fábrica. Ressalta que a seu lar é simples e não está arrumado. No diminuto quarto seu marido sentado assiste televisão com o olhar perdido e expressão indefinida. Um dos filhos chega com um saco de pão, Cida comenta que “ele tem psicose, mas é um bom garoto”. Conta que veio para o Rio “por amor ao homem”, em busca de seu primeiro marido que migrou antes para o Rio. O atual companheiro está desempregado, mas trabalhava como porteiro. Cida afirma que “os patrões não mantêm as pessoas muito tempo no trabalho para pagar menos”.

Cida chegou ao Rio vinda de Cuiabá há 20 anos. Se estabeleceu inicialmente na Baixada Fluminense. Ainda por lá sua vida caiu por uma espiral de tragédias da qual ainda não conseguiu escapar. Após separar-se do primeiro marido, ficou sem casa e foi morar num abrigo público do qual guarda amargas memórias, tendo sido roubada e maltratada.

Em outro momento da sua vida acabou indo morar na grande invasão da fábrica de beneficiamento de leite na região, da qual saiu após a implosão do local. Saiu com a promessa de indenização do Estado, que afirma não ter recebido. Neste ponto seu companheiro falou, com voz enfraquecida, que eles devem receber em algum momento 32 mil reais. Já esperam, sem suporte do Estado, há 2 anos. Ainda na época que vivia na fábrica de leite, Cida relata uma confusão na qual se envolveu inadvertidamente e que a fez ficar presa por 3 anos sendo inocente. Fala que alguém colocou maconha em seu bolso, a polícia descobriu e a prendeu como traficante, iniciando outro período de sofrimento e desterro em sua vida. Presa com acusação de tráfico deixou seus filhos com a sogra para cumprir a sentença.

Cida fala de sua depressão, de como já passou muito tempo depressiva, de como está agora depressiva. Conta que só se mantém de pé “pela misericórdia de Deus”, e que ouviu o pastor dizer que a pobreza facilita a entrada no “reino dos céus”, concluindo que esta é a única vantagem competitiva de ser pobre. Não sai de casa, só para o absolutamente necessário, sofre calada. Sobre a Portelinha, diz que é muito ruim morar ali, são muitos os problemas de saúde, as pessoas sofrem de diarreia e outras enfermidades por causa do esgoto. “As pessoas vivem aqui em cativeiro”.

**ANTIGA COMPANY**



Osmar e Juliana tem um filho e está nesta ocupação desde 2003, portanto 10 anos. Juliana, que já trabalhou como camareira em hotel, veio da favela Mandela, no vizinho Complexo de Manguinhos. Conta que se adaptou facilmente pois morava num local tão precário quanto este antes. Já seu marido diz que não achou nada fácil, ele veio do Jacarezinho e precisou se mudar pois não conseguia pagar o aluguel. No andar térreo, onde moram, não tem iluminação natural, e sua casa não tem janela. Foi necessária a instalação de um telhado, mesmo a casa estando na parte interna da invasão, para evitar infiltrações e alagamentos, o que funciona só parcialmente.

Osmar é porteiro de um prédio na Tijuca, Zona Norte carioca. Conta que sente preconceito por morar onde mora, preconceito que é transmitido no olhar, segundo ele. No seu trabalho ninguém sabe de sua vida, de suas condições de moradia, então lá o preconceito não aparece, se manifesta é na rua mesmo. “Somos desprezados por morar aqui. Muitos ali fora nos olham assim. Mas todos vamos, no fim, parar o mesmo lugar, levar uma pá de barro na cara”. Quer sair dali para “ter uma vida adequada, não como a de muitos, mas digna”. Fala que seu filho, as crianças da área, precisam de espaços de esporte e lazer.

João Luis mora sozinho em sua pequena casa no fim do corredor do andar superior. Foi um dos invasores originais da fábrica há mais de 10 anos. Conta que participou desta invasão pois morava de aluguel no Jacarezinho. Hoje seu filho mora na casa ao lado com a própria família. João é aposentado por um problema de coluna, adquirido quando trabalhava como ajudante de entregas. Conta que seu sonho é trabalhar para si mesmo. Montar uma pequena birosca, uma pequena mercearia, mas que não venda bebidas alcoólicas, cachaça, pois ele é “da Igreja”. Quer vender refrigerantes, doces, legumes e frutas. Mas que o que vai fazer mesmo diferença na sua vida é sair “deste lugar”. “Pra mim isso aqui é uma prisão. Quero abrir a janela e ver o mundo, não uma parede”.

A casa de João fica num estreito corredor, e ele nos confidencia que já passou um período de sua vida preso. João comenta que imagina que o governo construirá um prédio no terreno da antiga fábrica e que os moradores serão reassentados no mesmo terreno. Sonha com seu pequeno comércio no andar térreo do novo prédio. “Não quero mais passar por exploração no trabalho, quero trabalhar pra mim, já fui muito humilhado no trabalho”. Perguntado que tipo de humilhação sofreu, responde imediatamente – “O salário!”. “Quero curtir minhas netinhas. O problema do trabalhador como meu filho é sair de cedo de manhã e voltar tarde da noite. Você sai antes dos seus filhos acordarem e chega depois que estão dormindo. Não quero viver só de trabalho. As pessoas precisam de lazer. Quero ter uma residência fixa, pois isso aqui é uma invasão. Ter uma vida digna, ter o correio chegando na minha porta. Quero um lar. Quero um lugar para ficar estabilizado e descansar minha cabeça. Quero uma vida digna. Chega de humilhação!”.

**CARANDIRU**

Alex foi um dos primeiros moradores do Carandiru, fixando residência no local há 12 anos. Chegou até a invasão pois constituiu família e não tinha como pagar aluguel. Sua casa está atualmente inabitável, o esgoto invadiu completamente a sua e as casas vizinhas localizadas no antigo galpão do prédio da antiga fábrica. Conseguiu emprestada uma pequena casa de madeira em frente perto da antiga e ali vive precariamente.

É ajudante de serralheiro, mas está desempregado. Trabalha fazendo bicos, coletando material reciclado, desmontando ou consertando coisas velhas. Mostra um forno elétrico velho que está consertando e pretende vender por 20 reais. É casado e tem três filhos. Reclama muito dos mosquitos, mostrando diversas marcas em seu filho recém-nascido, Alex Junior. Comenta que conta com a ajuda de igrejas para se sustentar, católicas e evangélicas que eventualmente oferecem a ele pequenos trabalhos ou alimentos. Diz receber 32 reais do Programa Bolsa Família por mês. Só consegue sobreviver com a solidariedade alheia. “Aqui os vizinhos são muito unidos”.

Cirlei chegou há 8 anos no Carandiru vinda de uma violenta experiência imobiliária. Morava no Jacarezinho e vendeu sua casa em busca de uma vida mais calma no Conjunto Nova Sepetiba, na distante Zona Oeste carioca. Lá passou alguns meses até que foi expulsa do novo lar por um mafioso local. Conta que saiu para fazer compras e quando voltou outras pessoas ocupavam sua casa. O mafioso havia vendido, como se fosse dele, a nova morada de Cirlei para outras pessoas. Como consolo o homem disse a Cirlei que ocupasse outra casa de outra pessoa mas que não dissesse que tinha sua autorização. A mulher ficou sem teto e sem dinheiro, acabando no Carandiru pela ajuda de uma amiga. Hoje vive com uma neta e uma filha adotiva, que acolheu pois a família que morava ali mesmo no Carandiru a “maltratava”. A criança foi “dada” a ela pela família.

Cirlei diz que faltam opções de lazer e esporte para as crianças da região. Reclama da ausência de ONGs e projetos sociais. “As crianças não tem como se desenvolver”.

**DIRENE**

“Quando cheguei aqui, cheguei no fundo do poço. Tinha muito lixo, a firma tinha acabado de falir. Tinha muito rato. Foi muita luta, muito sofrimento, muito sufoco. Sou da Paraíba, trabalhava numa gráfica. Tive um problema de saúde, fiquei sem trabalho e sem casa. Deitava e pedia a Deus pra me mostrar um lugar. Uma amiga veio e vim com ela. Aqui era tão feio, mas falei, é melhor que na rua. Falei pro Elias (o marido) – arrumei um lugar, é feio mas eu vou. É melhor que enfrentar a dona da casa (proprietária). Só trouxe a geladeira e as roupas. Fez 16 anos que estou aqui. Tinha muito mosquito. Tinha muito óleo queimado no piso, pra limpar foi uma luta. Só vim pra cá porque minha necessidade foi muito grande. O marido também estava desempregado. Ele ganhava 190 reais e o aluguel era 170 reais (choro). Não há vitória sem luta. Quanto maior a luta maior a vitória. Espero que o milagre de sair daqui (reassentamento) aconteça. Diziam que eu tinha ido morar com os mendigos. Quando a pessoa tem um emprego ela tem muitos amigos. Perdeu o emprego acabou (amigos). Morava há 8 anos numa casa antes de vir pra cá. Ainda paguei o que fiquei devendo. Vim escondido porque era muito feio. Diziam que a draga ia passar e cortar-me no meio. Peguei madeira numa antiga favela que saiu (para construir seu barraco). Diziam que iam botar fogo. Eu tinha muito medo daqui. Os ratos eram muito grandes! Eles queriam enfrentar a gente. Tenho pavor desses bichos, nem falo o nome deles!”

Elisabeth, como descrito acima, foi uma das primeiras invasoras da Direne. Criou seus filhos nesta antiga fábrica. Ela ocupa um espaço misto entre área externa e interna das ruínas. Tem um pequeno jardim que transborda verde. Conta que começou quando a vizinha de cima jogou umas sementes no seu pequeno quintal. Hoje tem um pé de aroeira e diversas plantas medicinais.

Andrea morava no Jacarezinho antes de chegar à Direne. Na época vivia de aluguel, mas como muita gente ao seu redor, perdeu as condições de manter os pagamentos e acabou expulsa da casa junto com os filhos que tinha à época. Lembra que chegou à ocupação e arrumou um “cantinho” para a família, mas a situação era muito precária, pois todo o piso da área industrial, por algum motivo, estava coberto por uma abundante camada de óleo. Hoje reside com 8 filhos no primeiro andar de uma edificação que ainda resta da fábrica semidestruída. Andrea tem 33 anos, 8 filhos e 15 anos de vida na ocupação, ou seja, desde os 18 anos de vida habita este local improvisado. Sua larga família nuclear certamente se desenvolveu quase que toda dentro da Direne. Quantas gravidezes Andrea atravessou vivendo na antiga fábrica de utensílios plásticos?

“Não trabalho, vivo de Bolsa Família, recebo 500 e pouco e assim vou levando”. Andrea tem uma atitude de vida bastante positiva, especialmente para quem está na posição que está. Para um de seus filhos a vida é ainda mais dura, pois vive numa cadeira de rodas, paralisado. Andrea explica que há um ano o garoto era normal, mas foi atropelado por um caminhão justamente na porta da ocupação. Esta é uma região ainda industrializada e com a presença de muitos veículos pesados. Descreve que o garoto dos seus 15 anos chegou a perder massa encefálica, mas sobreviveu, ficando, no entanto, paralisado. Enquanto Andrea detalha esta tragédia algumas vizinhas levam o garoto para passear. “Assim vou vivendo até ganhar o condomínio que o Governo está prometendo”.

“A gente tem que ser forte senão desaba”, diz Andrea, para logo complementar que leva toda esta situação sem suporte de familiares, não tem marido e sua mãe passou a viver como mendiga há alguns anos. O bom humor de Andrea enquanto narra dificuldades tão pesadas é chocante. “A gente tem que ser alegre, senão não consigo. “Vou ficar chorando num canto? Não vou”.



Taís habita uma das áreas mais degradantes do Bairro do Jacaré. O antigo galpão, hoje sem telhas, que ocupa já fez parte da fábrica de plásticos, mas logo que abandonado foi invadido por animais. O local transformou-se num chiqueiro, ou curral, onde viviam porcos e cavalos. Saindo os porcos e cavalos entraram os humanos.

“Tô aqui há um ano, morava em Manguinhos. Separei (do marido) e tive que sair (da casa). Moro com 3 filhos (incluindo gêmeos recém-nascidos) e meu atual companhei Aqui é o esgoto o pior”. Para chegar até a casa de Taís é preciso cruzar uma ponte de tábuas sobre a lama pútrida de esgoto.

Perguntada se tem algum sonho na vida Taís responde prontamente – “Sempre quis ser fotógrafa”.

**INABÚ**

Carlos chegou há 3 anos na Inabú com sua família, mulher e dois filhos, pois “não tinha onde morar”, como afirma. Antes residia com seus irmãos, em uma casa para várias famílias. Ele descreve as condições de vida na Inabú como extremamente precárias. Primeiro, ao chegar, ocupou um espaço no segundo andar da antiga fábrica, onde tinha muita umidade. Precisou, e conseguiu, sair deste local somente após uma tragédia familiar. Outra criança nasceu, mas infelizmente morreu com 6 meses, segundo Willian, de “friagem”. “São muitas infiltrações, muito rato, muito mosquito”. Willian é aposentado e ganha um salário mínimo, um benefício para pessoas em extrema vulnerabilidade social. Willian complementa sombriamente – “Não temos solução aqui, só se decidir morrer”.

Helen chegou até a Inabú pois morava em Manguinhos de aluguel e não conseguiu manter os custos da moradia. Além de tudo, relata que a situação ficou muito perigosa, tendo sido ela baleada dentro da própria casa num dia rotineiro de confrontos entre policiais e traficantes. Depois de ter se recuperado, sem sequelas, uma amiga mencionou a invasão desta fábrica, então Helen e o marido decidiram se mudar. “Pra sair do aluguel, eu fui”, diz ela. Quando chegou ao prédio, há 4 anos, as condições eram inabitáveis, sem luz, sem água e muita sujeira no antigo abatedouro de aves. Foi a segunda moradora a chegar, e escolheu um espaço na área interna do segundo andar do prédio. Fala que é um exercício de sobrevivência viver onde vive – “Tem hora que chega a ser subumano”. Sonha em viver num “lugar decente, digno”.

Deixou o interior de Pernambuco sozinha em 1975 em direção ao Rio, em busca de melhores condições de vida. Conta que o único espaço que o mercado de trabalho lhe proporcionou foi “casa de família”, trabalhando como doméstica. “No Norte as pessoas não botam os filhos para estudar”. Helen praticamente não teve educação formal em sua vida, no entanto, a clareza com que se expressa indica uma pessoa muito cultivada. “A vida pra mim não foi nada fácil. Todo dia que acordo é uma vitória. Mesmo num lugar ruim, minha casa é meu castelo”. Helen mora com o marido e um filho na Inabú. Hoje trabalha como cozinheira num restaurante.

**ADONIS**

Carlos Francisco é um dos mais antigos moradores da Comunidade do Adonis, se aproximando de vinte anos no local, apesar de não conseguir precisar quanto tempo. Mora no terceiro e último andar da antiga fábrica, num barraco de madeira com exposição ao sol. Chegou neste local pois perdeu a casa onde morava, “por problemas de herança”. É o único responsável por cinco filhos, sendo um deles deficiente físico. Sua esposa faleceu há sete anos. Conta que sua maior questão com o lugar onde vive é a falta de água corrente. O jeito é estocar água em grandes garrafas, cada uma servindo a um propósito específico: cozinhar, descarga e banho. Está há seis anos desempregado, desde que foi demitido da fábrica de cigarros Souza Cruz, que foi mais uma a fechar as portas na região. A numerosa família sobrevive das transferências do Bolsa Família. Sua maior expectativa em relação a um possível reassentamento é morar em local que tenha água corrente.

Maria de Fátima habita com seu marido e um filho adotivo o pior espaço disponível para viver da Adonis, talvez até do Bairro do Jacaré, e quiçá um dos piores da cidade inteira. Faz isso com uma impressionante vivacidade, sorriso fácil e elevação moral. Este espaço que sua família ocupa fica no primeiro andar da antiga fábrica, onde não entra luz, nem ventilação, e ao mesmo tempo é a fossa do andar de cima, destino dos esgotos alheios. Enquanto Maria fala, na frente de sua casa de alvenaria de bom padrão, é possível notar, ouvir os sons, das águas pútridas fazendo o percurso de quatro metros entre o andar de cima e o chão. O forte odor ácido é repugnante, agravado pela falta de ventilação deste tipo de caverna urbana. Mas nem sempre foi assim, quando Maria chegou as condições eram melhores.

Tudo piorou após um incêndio ocorrido cerca de 5 anos atrás. Iniciado em uma das casas desta área do primeiro andar, logo se espalhou pelo espaço que era ocupado por 15 moradias. Maria estava em casa quando o fogo começou e relata o desespero de tentar sair e não conseguir pois a maçaneta da sua porta da frente estava fervente. Conseguiu finalmente sair pouco antes do fogo atingir sua casa. Infelizmente, este não foi o destino de uma família vizinha. Pai, mãe e filho morreram carbonizados, pois não perceberam o incêndio. Maria relata que as autoridades chegaram, as televisões chegaram, interditaram o lugar, mas para os moradores não foi dada nenhuma outra opção além de ficar ali mesmo, e foi o que fizeram. Ficaram, Maria ficou. Seguiu vivendo numa caverna urbana, numa espécie de cena de crime, acompanhada de muitos insetos, animais, esgoto, estigmas, mas sem perder a alegria.

Maria que trabalha limpando hospital através numa firma de limpeza diz – “A gente mora dentro da fossa. Tô aqui por que não tenho condições, mas meu filho nunca passou fome”.

Andrea mora há sete anos na Adonis. Chegou vinda de um abrigo público onde morava com dois filhos. Por conta de uma separação litigiosa foi encaminhada pelo estado para este abrigo. Lá conheceu seu atual companheiro, o qual já tinha um espaço no último andar da Adonis. “Nos envolvemos, assumimos um compromisso”. Explica que não veio para ficar, mas foi ficando, pois “tinha que morar em algum lugar”, no entanto, sempre com uma intenção provisória. Trabalha como diarista, mas já foi auxiliar de produção numa fábrica e operadora de caixa num supermercado. Conta que saiu do mercado pela tamanha exigência de carga horária laboral.

Sobre a Adonis Andrea é muito clara. – “Aqui não é um lugar para se morar. Não tem água. Corre o risco de desabar, a estrutura está muito frágil depois do incêndio no andar de baixo. A gente quer muito sair daqui mas tem que esperar o governo reassentar, senão perdemos a nossa casa para outras pessoas. É um estresse terrível, no sentido psicológico”.

Seus filhos estudam numa escola beneficente de base neopentecostal. Andrea está completando seus estudos à noite numa escola estadual. – “Na minha adolescência tinha o sonho de entrar pra Marinha, mas me casei cedo, fui muito precoce. Quero estudar para conseguir algo melhor, me encaixar na sociedade. Quero fazer um técnico em laboratório. Estudo também pelos meus filhos, para ser um exemplo de que nunca é tarde para fazer o que a gente quer”.